

Mar de Flores

Carolina Almeida



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Agradecimentos

Quero agradecer a todos os meus amigos e familiares que me inspiraram a continuar a escrever e que me mostraram apoio incondicional no meu processo criativo.

Quero, também, deixar um especial abraço a todos os meus leitores que acompanham a minha escrita e o meu crescimento. E, para aqueles que me inspiraram, obrigado por serem uma flor no meu jardim.

Florir

E quantas vezes não flori.
Quantas vezes não abri a boca para me florir
[para os homens,
e eles apenas me calaram.
Quantas vezes não flori, abri as pernas para os
[homens,
e eles apenas me trataram como se fossem
[donos de mim.
Mas com as mulheres, quando floria elas
[floriam comigo,
éramos um jardim completo, de rosas,
malmequeres e girassóis.
Todas estávamos a florir juntas, a crescer a
[aprender, a amar a nossa flor.
Descobrimos, eventualmente, que havia
[homens com quem havia a pena florir,
ou, Deus sabe, pelo menos tentar.
Alguns eram como nós,
cheios de espinhos e difíceis de amar;
outros eram tal como nós,
girassóis sempre atrás da luz e do sol.
Vivemos todos debaixo do mesmo solo,
crescemos raízes todos juntos.
Alguns achavam-se mais que flores,
achavam-se homens donos de tudo,
mas, tal como nós, existem homens que
[preferem florir
em vez de possuir.



“Um gato brinca com uma pequena borboleta”

Um gato brinca com uma pequena borboleta.
A borboleta espera pela morte quase evidente,
ou pela fuga das patas dela.
Mas a vida é assim,
brinca contigo até a tua morte
a não ser que consigas escapar dela,
assim como o gato que brinca com a borboleta
[até ela perder força e eventualmente morrer.
Era necessário matar a borboleta?
Não, ele tinha comido, mas decidiu na mesma
[que aquela borboleta teria aquele destino;
às vezes o destino é escolhido por nós.

Fantasmas

Os fantasmas que vivem no meu armário
espreitam durante os dias de solidão,
ditam pequenos murmúrios ao ouvido,
tocam leves na minha pele,
ditam mentiras para que a angústia
viva dentro de mim.

Não acredites nos fantasmas,
nos pequenos demónios
acordados pela solidão.
Eles vivem alimentados pela escuridão,
vivem para alimentar a matéria negra da alma.

Lembra-te:
nenhum dia é tão negro
que te faça cair nas travessuras deles,
que tentam implantar na tua mente.
Lembra-te:
das coisas boas que fazes
quando ignoras os murmúrios deles,
viveste além do que pensaste ser possível,
realizaste tanto para além
daquilo que eles haviam dito.

No entanto, não os deixes fechados
no teu armário.
Enfrenta os, grita com eles,
diz-lhes que és mais que o silêncio
e o murmúrio deles.
Não te controlam
e não são donos da tua história.

Aperto na alma

O veneno escondido nas veias
percorre o meu corpo,
dá uma dor no peito,
corta a respiração
e lentamente perco os sentidos.
Corre já na minha mente a aflição
do veneno que passa pelo teu coração.

Custa o levantar no dia a seguir
com aquela dor fantasma
que te envolve com as mãos frias,
aperta gentilmente o coração,
o gelo que se firma nas pontas
daqueles dedos fantasmagóricos
vai assombrar-te
para o resto dos teus dias.

Perda de identidade

A árvore mais antiga da vila
olhou para mim, despiu-me a alma e
sussurrou-me os segredos da vida.
Todos aqueles segredos me
deixaram embriagada,
como se tivesse bebido e morrido.
Criei raízes com ela,
deixei os seus ramos envolverem
todo o meu corpo e alma.
Disse-me toda a verdade,
disse-me com muito calma,
todos os segredos para viver em liberdade.
"Basta olhares para nós!
Vive como nós!
Junta te nós!
Tu já cá foste uma companhia usual,
mas foste para as cidades de betão
e crias agora uma vida em carvão."



Mulher

Ser mulher é viver com o medo na pele:
medo de ser enganada,
medo de ser agredida,
ou até mesmo violada.
Eles escondem-se à vista,
escondem-se entre amigos,
usam todos a mesma roupa
e espírito.

Não sabes quem são
no meio dos homens bons,
vestem-se como eles,
falam como eles,
e no final
são quase como eles,
até que se mostram,
tentam arrancar a tua alma
e algo mais.
Nem todas têm a sorte de escapar
e sofrem com as dores
de um abuso sofrido.

Ser mulher é viver com injustiça
sentida na pele todos os dias,
medo das nossas filhas crescerem
e um dia também a sentirem.

A sociedade

As nuvens que cercavam o céu, voavam lentamente pelo ar, tomavam formas e vida por conta própria. O ar fresco batia na minha cara e o sol iluminava a cor dos meus olhos, enquanto observava as criaturas que reinavam os céus e ganham vida de uma maneira leve.

A erva crescia à minha volta e a terra guardava no seu ventre as sementes que iriam nascer na próxima primavera, o sangue corria por dentro das minhas veias com uma velocidade colossal e ardente. O mundo vive numa correria, até dentro de mim passam mil e uma formas de vida a uma velocidade estonteante.

Via o sangue a manchar lentamente a erva, os meus órgãos a apodrecer e a tornar-me parte da terra, parte deste ambiente simples, mas cheio de vida e tão pura. Será que o mancharia com os pedaços podres da minha alma? Abraço a simplicidade e a calma que o ambiente à minha volta transborda e vou refletindo lentamente as normas que conjuravam a sociedade.

O meu peito aberto em ferida, deixa as raízes crescerem para dentro do meu corpo, o sangue esvazia gota a gota para a terra, os pássaros olham para o meu cadáver a infetar o prado, e questionam se devem bicar os meus



olhos e receber um pouco de mim, são pássaros, mas às vezes parecem mais abutres, bicando um pouco daquilo que me compõe.

Os meus ossos estão expostos para o céu, o meu peito aberto cada vez mais vazio, é assim o mundo a minha volta, não só aqui no meu prado. No mundo lá fora bicam tudo aquilo que temos e roubam pedacinhos de nós, parecem pássaros, mas são abutres, roubam os sonhos roubam pedaços da alma e roubam partes de ti, o mundo fora do prado é selvagem, não dá a dignidade de uma morte lenta e bela.



Akai ito – Lenda

Um fio invisível,
um fio amarrado à minha alma,
cor viva do sangue,
talvez manchado por ele...
Um fio que se pode esticar,
se pode emaranhar,
mas nunca se partirá,
nunca se separará,
nunca fugirá
do seu destino final.
Um fio vermelho
liga todas as almas
que estão destinadas,
por algo maior que elas,
a se conhecerem,
a se tocarem mutuamente em espírito,
corpo e mente talvez.
Podem passar mil anos,
podem passar duas guerras,
mas independentemente
do lugar, tempo ou circunstância
as duas almas vão se encontrar,
vão se amar.

Aquela conexão incrível
através do olhar profundo,
uma sensação incógnita
que ultrapassa várias vidas,
mas junta sempre
as almas gémeas.
Aquele pequeno fio invisível



debaixo da noite escura
antes de agosto começar,
eu vi o meu fio mais curto
e o sangue que lhe dava cor
ficou mais vivo,
e debaixo daquela lua
eu soube.
É nesta vida...



“Se as noites sem fim”

Se as noites sem fim,
se as noites em branco,
apenas a ouvir o canto,
deixassem de existir,
de certa forma
eu deixava de sentir
quem nasce livre da dor
de procurar
o que é o amor,
de andar
neste vaivém
de tentativas do destino.
Não sabe sentir,
não aprende a deixar ir,
não aprende que tudo,
mas tudo,
é passageiro,
é estrangeiro,
volta sempre à sua origem:
poucas são as aves
cujo canto realmente te pertence
cuja melodia e alegria
foram feitas para ficar.



Natureza morta

Nasci da terra,
tornei-me flor,
cresci espinhos,
pétalas e folhas,
deixei o vento benzer-me,
vi os céus escurecer;
O que parecia uma eternidade
logo era fim de verão.

No jardim que me cercava,
logo estaria perto do fim
e por aqui já vou a metade.



Jardim de ódio

De dentro de mim
nascem podres das veias
flores negras e escuras,
alimentadas pelo ódio.
Malditas as decisões que me trouxeram
[amargura.

O meu cadáver é alimento para a terra
e casa para os bichos.
Se este ódio alimentar
os bichos e as abelhas,
talvez algo de bom
possa um dia habitar este jardim.

Se um dia nascerem flores
que não sejam escuras ou sujas,
que não sejam cor de sangue,
eu chamo-as de esperança
e de um novo começo.



O crescer do amor

E o amor que era tão inocente
escondia-se atrás das árvores,
era um beijo na bochecha,
um abraço amigável
de uma criança sensível,
uma infância vulnerável.

O que aconteceu a este amor?
Era tão inocente
e livre de dor.
O amor agora é tempestuoso,
é uma maré de emoções,
ouve-se em tantas canções
a falar das subidas,
das dúvidas,
de toda a amargura
e de todo o amor
possível de ser explicado.

O amor tanto é belo
como agora é penoso,
difícil de se apreciar
e de se mostrar.

O que aconteceu ao amor?



Fé

Meu Deus!
Eu fiz as pazes
com o meu passado,
será que poderei um dia
fazer as pazes com a minha fé?
Eu perdi-a certo dia
e nunca mais a vi,
fugiu entre as minhas feridas,
fugiu entre as costuras –
até hoje a sigo –,
fugiu pelas marés
e disse-me de longe:
“Até um dia, voltaremos a nos encontrar!”



Felicidade

Se a felicidade fosse apenas material,
habitasse no plano do visível,
depende-se das convenções sociais,
o mundo seria infeliz,
não haveria pássaros nos céus,
rios não corriam,
não haveria sorrisos ou abraços,
o mundo apodrecia
mais que agora.



Mulher no mundo

Quando a mulher dá à luz
a vida corre-lhe pelas veias.
Dá à luz um novo ser,
passa uma realidade escura
a uma turbulenta.

Quando os homens escreviam
histórias sobre Deus ser homem,
é porque nunca viram
os filhos a nascer,
a força do seu amor,
a coragem de ser mulher
neste mundo de dor
sobre o seu olhar protetor.

Deus é mulher também,
pois mulher neste mundo sofre,
sabe a dor de viver.
As mulheres foram feitas à imagem de Deus.



“Poemas são como pardais”

Poemas são como os pardais, bicam em sítios que não queríamos que eles estivessem a bicar.



“Se os nossos pecados fossem perdoados”

Se os nossos pecados fossem todos perdoados o inferno estaria vazio e os congressos mais cheios.

“Hoje olhei para as estrelas”

Hoje olhei para as estrelas,
vi através dos olhos delas
todas as décadas da humanidade,
todas as derrotas e conquistas,
tudo aquilo que alcançou
e tudo o que decidiu destruir.



“Algures na memória”

Algures na memória
de uma infância perdida
ficou aquela sensação de leveza,
do mundo ser um lugar simples,
ansioso e caloroso,
em que não entendíamos
as ânsias das mães em estarmos na rua,
de chegarmos tarde da praia
ainda a sentir o calor aconchegante na pele,
o sol a secar
e o sol a repousar.



À noite

Acho que a noite
é para aqueles pobres de alma
que sentem a solidão
em toda a sua pele,
que a podridão
nasce e cresce lentamente
no interior da alma
a esmagar a sua vida;
é para aqueles que estão sozinhos.

Acho que a noite
é dos poetas e dos pobres,
dos que tem o coração
partido;
magoado;
ferido;
daqueles que estão sozinhos
ou se sentem como tal.

Acho que a noite
é dos artistas
que sofrem da alma,
que sofrem
por todos os tipos de amor;
de amantes perdidos,
de amigos que abandonam,
de familiares esquecidos.

Acho que a noite
é para aqueles
que sofrem de insónias
e para aqueles



que relembram as suas perdas
e contam histórias.



“Quantas cicatrizes”

Quantas cicatrizes
a nossa alma carrega?
Quantas histórias
se escondem
nessas entrelinhas?
Quantas palavras
não navegam entre os dedos,
nadam pela nossa circulação
se infiltram no coração?
Quantas versões de nós
se escondem
naquelas marcas na alma?



“Depois da meia-noite”

Depois da meia-noite,
quando a lua chegava ao monte,
as estrelas subiam ao céu,
ela passava pela vida e a morte
através de um fino véu
onde a realidade se perdia.
Ela era uma rapariga do Norte,
acordada depois da lua se erguer
já muito depois do dia escurecer
e acordava ao meio-dia,
escrevia versos em papel
e puxava os laços da vida
como fios de cordel,
revia as mágoas e as dores,
revia a sua vida com outras cores.
Para escrever
e para reaprender
que certos acasos da vida
foram casos que o destino se intrometeu
apenas para que no futuro
rezasse a Deus e deixasse de ser ateu.



“O amor é sobre fragilidade”

O amor é sobre fragilidade, sobre aprendermos um com o outro e sobretudo apoiar o outro mesmo que não possamos entender as suas razões por detrás da sua escolha (...)



Uma vida ao teu lado não é suficiente

Para o meu amor,

Quando a minha hora chegar
não quero ver tristeza e penar,
os teus ombros não foram feitos
para tal dor.

Enterra-me 7 palmos abaixo do chão
e deixa-me guardada na tua alma e coração,
o meu corpo entrega-se agora a podridão.

Não chores com pena,
a minha partida da tua vida
é apenas temporária,
deixa a funerária
e passa tempo com aquilo
que neste mundo me fez sorrir
e, quando as lágrimas abandonarem
os cantos dos teus belos olhos,
lembra-te que vivo na tua memória
e, se for possível,
estaremos juntos em outra vida.



O céu chora

Ainda me lembro quando os céus estavam
[escuros,
o quão rápido as gotas caíam...
Olhava para o céu
e sentia apenas a sua tristeza.

O mundo parecia tão perdido de lá de cima:
homens atacavam homens,
sem noção da sua humanidade
deixavam o caos reinar
até certo ponto,
esqueceram-se de quem eram,
esqueceram-se de toda a sua identidade,
ela desapareceu nas gotas de água,
escorreu para os mares,
deixou-se lavar e limpar
e voltou para a natureza
e por aí deixou-se ficar.



“Eu sinto que o meu peito”

Eu sinto que o meu peito
carrega a dor das mil vidas que vivi,
todos os desgostos,
todos os amores quebrados,
aqueles não correspondidos,
aqueles que partiram
e aqueles que me deixaram
prematuramente sem esperança
e sem saber
se algum dia
nós voltaremos a ver.



“Em 1800”

Em 1800,
chamam de bruxas
a todas as mulheres conhecedoras,
a todas as detentoras
de força de vontade e poder
cuja vitalidade não é abalada
nem mesmo perturbada
pelas vozes mesquinhas
que se acham cheias de razão e medo
das mulheres ceguinhas
pelos seus maridos.

Em 2020,
chamam de putas
às mulheres com a mesma vontade,
com a mesma vitalidade
daquelas de 1800.
O mundo ainda não acordou.



“As minhas lágrimas”

As minhas lágrimas
foram apenas o regador
da minha autoestima e dor.
Cresci sem saber o que era amor,
vivia com um constante ardor que
queimava no peito,
queimava na alma.
Ainda queima pela calada...
Era uma floresta em pleno verão,
com uma beata de cigarro no chão.
Foram essas lágrimas
que alimentavam
e regavam
aquilo que hoje,
e para sempre,
será o meu amor próprio.



“Um pequeno pássaro”

Um pequeno pássaro
bate o coração tão depressa;
um fogo começa
naquele peito fechado,
um coração ardente,
um bicho valente,
tantos perigos à sua frente
e ele voa e voa alto,
até já escapou
às garras mortais de um gato.
Diz-me pequeno pássaro
és consciente dos perigos mortais?
Daqueles que enfrentas todos os dias,
ou vives como os outros pardais?
Com medo e num mundo de fantasias?



“O meu coração sussurra ao meu ouvido”

O meu coração sussurra ao meu ouvido
“o amor é tudo na vida”,
mas a minha mente sussurra “duvido”,
com um tom desprovido de emoção.
“Não sigas as loucuras do coração.
É uma luta constante
entre a emoção e a razão.”
O que o coração quer perdoar
a mente não quer largar,
empurra-as discussões ao limite
e o coração admite
que “não tenho certezas de nada”
e a emoção fura a razão
como uma estalagmite
a crescer do teto para o chão.



A perda do amado

O amor é uma tempestade,
uma força da natureza.
Quantos corações partidos
em mil pedaços quebrados
não causaram grandes guerras?
Guerras pelo amor destroçado,
pelo amor e a dor que há tanto tempo
foram levados deste plano,
causadas pelo coração
de um guerreiro desamparado,
forçado,
a viver sem o seu protetor.
Quantos amores injustiçados
não morreram abraçados?
Diz-me,
que força da natureza
é mais primordial,
imaterial
que o próprio amor?



Somos todos arte

Sou feita de arte,
de condições sociais,
feita de brigas imparciais,
de cicatrizes,
de horas de trabalho,
de horas infelizes.

Sou feita de arte,
sou única do meu molde,
moldada pelas cruces
que me foram atiradas,
cruces maltratadas
de pessoas saturadas
pela sociedade.

Sou feita de arte,
sou humano racional
com um amor pouco tradicional,
com um valor excecional.
Todos somos arte!
Diz-me, onde pões o valor da vida humana?



“Cresci e flori da terra”

Cresci e flori da terra,
criei raízes com os raios da tua luz,
mas a tua escuridão
pouco a pouco matou-me.
As minhas folhas secaram
e as minhas raízes apodreceram.
Aquilo que com tanto carinho protegeste
sufocaste com água em excesso.



Outono

Os pássaros assobiavam
pela rutura do sol,
no escuro da noite
tristemente cantavam
uma melodia carregada de amargura
com alguma subtileza de ternura,
a morte chegou com uma prontidão e leveza.

A dor dos dias de cor,
dos dias de fertilidade,
da passagem da fecundidade
tinham acabado
e a facilidade
com que a morte agarrou
onde a vida uma vez tocou,
e o medo
chegou tão cedo.

Aqueles que temem a mudança
andam às voltas numa dança
com a morte,
pois tudo o que nasce
vive da esperança;
pois tudo o que cresce
ganha confiança;
pois tudo o que sente
vive da lembrança
e morre no fim.

Então porque assobias?
Porque estás tão triste?
Não temas a mudança,



meu pássaro de jardim,
a chegada do outono
nunca é a chegada do fim.

Flor

És só uma flor;
num jardim sem fim,
quando cresceste
não sabias que flor eras.
Com o passar dos anos
começas a perceber quem és
e sabes que existem flores
mais bem-amadas
que da tua qualidade,
mas não desanimes,
não deixes de crescer e florescer,
pois és cheia de potencial
e de alguma forma especial
todas as flores
carregam uma beleza excepcional.



“Ouvir as gotas de chuva”

Ouvir as gotas de chuva
a escorrer pela janela
deitada ao teu lado
num abraço bem dado
foi uma bênção da natureza.

Às vezes as coisas mais simples são as mais
[belas.



A felicidade cresce em alturas inesperadas

No silêncio da noite
descobri que em pequenos lugares
se criam grandes mundos,
se vivem grandes aventuras,
trocam-se olhares
que em segundos se tornam profundos,
partilham-se doçuras e travessuras
que outrora fizeram parte do presente.
Agora só se fala do futuro.
Um dia o destino
lembrou-se da ironia
de conhecer a harmonia
numa desgraça
e talvez foi a melhor maneira
de juntar duas almas tão iguais.



Carolina Almeida



Nascida a 06 de junho de 2000 no arquipélago dos Açores, na ilha Terceira, na Praia da Vitória. Frequentou o ensino regular em Ciências e Tecnologia na Tomás de Borba, e no Técnico de Apoio à Gestão de nível 5 na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade. Participa numa revista de publicação

online intitulada “Prometheus”. Atualmente, frequenta o ensino superior na Universidade dos Açores, na Escola Superior de Saúde, no curso de Enfermagem.

Publicou um primeiro livro físico intitulado “Átomos”, uma publicação destinada ao seu processo de cura e desenvolvimento pessoal.

Já na infância era apaixonada por livros, não havia uma história que não encantasse o seu coração. Começou por ler poesia no 3º ciclo e apaixonou-se por autores como Fernando Pessoa, Pablo Neruda e Rupi Kaur. Tem também um amor pela escrita de Jane Austen, Virginia Woolf, Emily Brontë, Stephen King.

Este livro é sobre crescimento, amor e os desafios de crescer como mulher. São pequenas flores num largo jardim de ideias.



ÍNDICE

Agradecimentos	3
Florir	4
“Um gato brinca com uma pequena borboleta”	5
Fantasma	6
Aperto na alma	7
Perda de identidade	8
Mulher	9
A sociedade	10
Akai ito – Lenda	12
“Se as noites sem fim”	14
Natureza morta	15
Jardim de ódio	16
O crescer do amor	17
Fé	18
Felicidade	19
Mulher no mundo	20
“Poemas são como pardais”	21
“Se os nossos pecados fossem perdoados”	22
“Hoje olhei para as estrelas”	23
“Algures na memória”	24
A noite	25
“Quantas cicatrizes”	27
“Depois da meia-noite”	28
“O amor é sobre fragilidade”	29
Uma vida ao teu lado não é suficiente	30
O céu chora	31
“Eu sinto que o meu peito”	32
“Em 1800”	33
“As minhas lágrimas”	34
“Um pequeno pássaro”	35
“O meu coração sussurra ao meu ouvido”	36
A perda do amado	37
Somos todos arte	38
“Cresci e flori da terra”	39
Outono	40



Flor	42
“Ouvir as gotas de chuva”	43
A felicidade cresce em alturas inesperadas	44

Colecção

digit@lmente

Título: **MAR DE FLORES**
Autor: **CAROLINA ALMEIDA**

Edição: **Catarina Lemos em Julho de 2022**

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contactos:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997

